

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

## UMA BIBLIOTECA COM LIVROS SECULARES

A PROPÓSITO DE EXEMPLARES BIBLIOGRÁFICOS DE VALOR ENCONTRADOS  
NUMA BIBLIOTECA DE VILA NOVA DE OURÉM

Será útil começar esta nota com um breve esclarecimento: foi no Verão de 1981 que pude dar execução a um pedido que me fora formulado pela direcção da Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida, sita em V. N. Ourém (1), no sentido de proceder a um exame da biblioteca que fazia parte integrante do legado do seu fundador.

Uma primeira visita logo me deixou perceber o valor da colecção; no pouco tempo de que dispus, pude dar alguma arrumação aos livros (2) e chegar já a algumas conclusões que me parece útil divulgar publicamente:

A biblioteca é constituída, aproximadamente, por 1500 volumes, assim distribuídos: cerca de metade (entre 700 e 750) são livros de medicina, a esmagadora maioria dos quais do século XVIII. A literatura e o direito ocupam espaços equivalentes entre si, com perto de 150 volumes cada; contudo, se os livros de literatura vão do século XVI ao século XX, com predomínio esmagador do século XIX, os de direito situam-se quase exclusivamente nos séculos XVII e XVIII. O restante espaço é ocupado pela história, filosofia, política, economia, religião, química, física, geografia, agricultura e matemática, com algumas dezenas de volumes para cada um destes assuntos.

---

(1) Esta Fundação nasceu a partir do legado de um médico ourense do século passado, o Dr. Agostinho Albano de Almeida, de que herdou o nome, cujos bens foram por ele doados ao concelho para fins assistenciais. Tendo possuído, primeiro, o hospital e um «asilho» para idosos, a Fundação dirige hoje apenas um esplêndido Centro de Apoio a Idosos, orgulho da localidade.

(2) A tarefa foi levada a cabo com a preciosa ajuda do dr. José M. Ferraz, da direcção daquela Fundação, a quem agradeço a colaboração prestada.

Quanto a épocas, a mais representada é o século XVIII, que ocupa para cima de 60% do total. Segue-se, muito à distância, o século XVII e, depois, o XIX. Do século XVI existe apenas um total de 7 exemplares.

Se olharmos à língua em que estão escritos, o primeiro plano é ocupado, com largo destaque, pelo latim, em mais de metade dos volumes. Francês e português equivalem-se, havendo, ainda, um número reduzido de obras escritas em castelhano, em inglês e em italiano. Refira-se, a propósito, que a esmagadora maioria dos livros de medicina (século XVIII) e direito (séculos XVII e XVIII) estão escritos em latim.

Como é óbvio, não darei aqui notícia de todos os exemplares de vulto; nem o local é propício, nem os meus conhecimentos me permitem emitir juízos de valor sobre certas matérias, como sejam a história da medicina ou do direito. Referirei, no entanto, as obras de autores clássicos e as obras de autores portugueses, destacando, entre estas, as de escritores do Renascimento:

O mais antigo autor representado é (como não poderia deixar de ser na biblioteca de um médico) HIPÓCRATES, numa edição do século XVII, a cargo do célebre médico Van der Linden; diz assim o título:

*Magni Hippocratis Coi opera omnia, graece et latine edita, et ad omnes alias editiones accommodata. Industria et diligentia Joan Antonidae Van der Linden, doctoris et professoris medicinae practicae primi in Academia Lugduno-Bataua. Lugduni Batauorum, apud Danielem, Abrahamum et Adrianum a Gaasbeck, 1665.*

São dois volumes, sendo, em cada página, a coluna esquerda constituída por texto grego e a direita por texto latino. O segundo volume termina com índice volumoso. Por curiosidade, referirei uma anotação existente no rosto: «comprados em Novembro de 1804, em Lisboa, por 6400 réis». Existe outra edição da mesma obra, apenas em versão latina, publicada em 1777.

Ainda do «pai da medicina»: *Hippocratis aphorismi atque praesagia*, em dois volumes, editados em Veneza, em 1784.

No entanto, a obra mais antiga é de PLÍNIO, data de princípios do século XVI e está impressa ainda em caracteres góticos:

*C. Plinii Secundi Veronensis Historiae Naturalis libri XXXVII aptissimis figuris exculpti ab Alexandro Bennedicto ue[neto] physico emmendatores redditi. Veneza, 1513.*

VIRGÍLIO está também presente. Vale a pena referi-lo neste ano que se segue ao das comemorações do seu bimilenário:

— Com publicação em Lisboa, apenas uma edição das *opera*, datada de 1735:

*Pub. Virgiliti Maronis opera, cum adnotationibus Ioannis Minellii, Excelentissimo Domino Emmanuelli Telles da Sylua, Marchioni de Alegrete, regio cubiculo praeposito, etc. A Iosepho Antonio da Sylua nuncupata. Vlyssipone Occidentali, in aedibus Iosephi Antonii da Sylua, Regalis Academiae Typographi, 1735.*

Abre com agradável dedicatória ao Marquês de Alegrete, fundada, de princípio ao fim, num trocadilho em que intervêm a palavra latina *silvae* e Silva, apelido do impressor e do destinatário. O início é ilustrativo: *Magnus ille Publius Virgilius Maro, iterum egressus syluis, Sylvas quaerit.*

São dois os exemplares existentes, um dos quais bastante truncado.

— Mais antiga que esta é uma edição de Antuérpia, de 1644:

*P. Virgiliti Maronis opera, e doctorum uirorum recensione, argumentis et animaduersionibus illustrata.*

Contém: *Tib. Claudii Donati ad Tib. Claudium Maximum Donatianum Filium, de Pub. Virgiliti Maronis uita.* E ainda testemunhos sobre o mantuano, colhidos em, entre outros, Ovídio, Propércio, Estácio, Quintiliano, M. António Casanova, Júlio César Escalígero, S. Agostinho. Inclui ainda: *P. Virgiliti Maronis Culex ad Octauium, ex Petri Bembi castigatione; P. Virgiliti Maronis Ceiris, ad Messalam; e animaduersionum in P. Virgiliti Maronis opera libellus.*

— Das edições *ad usum delphini*, de Charles de la Rue, existe um exemplar de 1775, em três volumes.

De HORÁCIO lá se podem encontrar, em dois volumes: *Q. Horatii Flacci carmina, expurgata, cum adnotationibus ac perpetua interpretatione Iosephi Iuencii e Societate Iesu*, Paris, 1785, que incluem, além de uma curta biografia do poeta, um estudo *de metris horatianis*.

Nesta edição cada poema vem acompanhado da respectiva versão em prosa, também latina.

Outro poeta clássico representado é OVÍDIO:

— *Publii Ouidii Nasonis opera, scripta amatoria complexus. Nicolaus Heinsius D. F. infinitis locis castigauit ad fidem scriptorum exemplarium.* Amsterdão, 1664.

O tomo I contém uma elegia do humanista Lilius Gregorius Gyraldus sobre a vida de Ovídio. No tomo III figura uma biografia do poeta *ex uetusto codice Pomponii Laeti, cuius apographum exstat in Vaticana Bibliotheca*, e outra *ex codice Farnesiano*, além de uma elegia de Ângelo Policiano *de exilio et morte Ouidii*.

A tradução das *Metamorfoses* por António Feliciano de Castilho, datada de 1841, também lá pode ver-se.

Vários são os exemplares das obras de CÍCERO, todas elas parcelares; destacarei apenas:

*Selecta M. T. Ciceronis opera philosophica ... iuxta adcuratissimam D. Lallemand, emeriti rhetoricæ professoris, editionem*. Aí se incluem: *De officiis, De senectute, De amicitia, Paradoxa ad M. Brutum, Somnum Scipionis, Tusculanarum quaestionum lib. I et V*. Figuram dois exemplares, ambos de Coimbra, um de 1812 e outro de 1826.

*M. Tullii Ciceronis orationes selectae*, impressos em Lisboa, em 1766.

Outro autor presente é SUTÓNIO: *C. Suetonii Tranquilli quæ exstant*, Antuérpia, 1610.

De AULO PÉRSIO FLACO lá está uma tradução: a *Interpretação literal*, feita por João Mendes da Fonseca e impressa em Lisboa, em 1875.

Mais tardia é a edição de TITO LÍVIO, publicada em Lisboa, em 1824.

Os epigramas de MARCIAL fazem parte da colecção, numa impressão de 1701, de Amsterdão.

De BÍON e MOSCO há um volume bilingue, em grego e francês, com data de 1686, em Paris.

As obras filosóficas de SÉNECA, traduzidas em francês por La Grange, datadas de Tours, 1795, ocupam oito volumes.

Finalmente, realce para um pequeno livrinho do século XVI, cujo título diz assim:

*Sententiae ueterum poetarum, per locos communes digestæ, Georgio Maiore collectore, multoquam antehac auctiores, ac locupletiores. Sententiae singulis uersibus contentæ, ex diuersis poetis, pietatis studiosæ iuuentuti accommodatæ. De poetica uirtute, libellus plane aureus, Anthonio Mancinello authore*. Antuérpia, 1561.

As *sententiae*, todas identificadas quanto ao autor, obra e local, são de: Énio, Plauto, Terêncio, Afrânio, Lucrécio, Catulo, Virgílio, Horácio, Tibulo, Cornélio Galo, Manílio, Séneca, Boécio, Propércio,

Ovídio, Pérsio, Lucano, Estácio, Sílio Itálico, Valério Flaco, Juvenal, Marcial, Claudiano, Ausónio e Prudêncio.

Esta é a embaixada clássica na colecção. Embora em menor número, não deixam de ser dignas de registo outras publicações do século XVI:

— De DIOGO COVARRÚBIAS, bispo e jurista espanhol do século XVI (m. 1577), uma edição de escritos diversos, datada de Lugdunum, 1558, todos eles versando questões de direito canónico.

— As obras de PHILIPPES DES PORTES, publicadas em Anvers, em 1592.

— *Tractatus clausularum omnis generis, in rescriptis, priuilegiis, compromissis, etc. auctoribus Vitali de Cambanis et Celso Hugone, quibus recens accesserunt additiones non paucae, nec aspernandae.* Frankfort, 1578.

— FRANCISCO DE CALDAS PEREIRA tem ali duas obras, ambas em língua latina:

*Commentarius analyticus, de renouatione emphiteutica*, Lisboa, 1585.

*Excelentissimi tractatus de uniuerso iure*, Coimbra, 1604.

— Para terminar a lista do século XVI refira-se, de OCTAVIANO OSASCO: *Decisiones sacri senatus Pedemontani*, volume publicado em 1581. A falta da folha de rosto impossibilita-me de mencionar o local.

No que a autores portugueses diz respeito não é pródiga a colecção. No entanto, não posso deixar de fazer uma rápida referência:

— ANTÓNIO FERREIRA: de *Poemas Lusitanos* encontro duas edições: uma de 1771, impressa em Lisboa na Régia Oficina Tipográfica, em dois tomos, outra de 1829, também de Lisboa, da Tipografia Rollandiana.

— LUÍS DE CAMÕES, presença obrigatória em toda a biblioteca que se preze, não está ausente: a edição mais antiga, em quatro volumes, data de 1770 (volumes I a III) e 1780 (volume IV). É da responsabilidade de Luís Francisco Xavier Coelho e tem um índice de nomes próprios, de João Franco Barreto.

Além desta, existe ainda uma edição de *Os Lusíadas*, de 1875, impressa em Lisboa por Rolland & Semiond, edição «conforme à segunda de 1572».

— É de 1761 a edição de *O Lyra*, de DIOGO BERNARDES, composta em Lisboa.

— FERNÃO MENDES PINTO ali tem uma edição de *Perêgrinação*, a que faltam as primeiras páginas; as licenças, todavia, permitem datá-la de 1723.

— Caso especial é o do P. ANTÓNIO VIEIRA, de que lá existe a primeira edição de *História do futuro, livro antepimeyro*, publicado em Lisboa, no ano de 1718, na oficina de António Pedrozo Galram.

Do mesmo autor, em reimpressão de 1754, e da mesma oficina, existem os *Cinco discursos moraes, fundados nas cinco pedras de David, pregados em Roma*.

Ainda com o nome do P. António Vieira, uma edição de 1744, feita em Amsterdão, da *Arte de furta*, hoje geralmente atribuída ao P. MANUEL DA COSTA.

— Já de pleno século XVIII é LUIS CAETANO DE LIMA (1671-1757), do qual ali está a primeira edição dos *Epigrammata*, impressa em Lisboa, em 1730, por José António da Silva.

— Da mesma altura data o exemplar de *Prosas Portuguezas*, de RAFAEL BLUTTEAU (Lisboa, 1729).

— Digno de realce é o árcade FILINTO ELÍSIO ou, de seu nome, FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO:

Encadernados em dois volumes, ali estão os quatro tomos dos seus *Versos*, cujas datas são, respectivamente, 1797, 1801 e 1802 (os dois últimos), isto é, anteriores à primeira edição das suas *Obras*. O primeiro volume abre com uma carta de Cruz e Silva. A edição tem o mérito de ter sido revista e corrigida pelo próprio poeta, no tocante às provas tipográficas, segundo afirmação dele próprio (com efeito, no início da *errata*, lastima-se do facto de publicar em país estrangeiro, o que o levou a emendar por quatro vezes essas provas, não impedindo, mesmo assim, que o livro saísse com erros, o que, no seu dizer, não teria sucedido se a obra tivesse sido impressa em Portugal, quer porque o tipógrafo conheceria a língua, quer porque teria mão amiga a ajudá-lo nessa função).

Curiosamente, apenas ao primeiro volume, surgem várias folhas manuscritas, que incluem:

*Ode «Os novos Gamas», ao príncipe do Brasil*, e respectiva dedicatória.

*Ode à feliz inauguração da estátua equestre do fidelíssimo Rei de Portugal D. José I, em 6 de Junho de 1775.*

*Ode à feliz aclamação do nosso monarca D. João VI.*



Embora todas as composições tenham a assinatura «Francisco Manoel», pelo tipo de letra presumo que estas folhas tenham sido escritas pelo punho de um dos membros da família do dr. Agostinho A. Almeida, senão dele próprio.

O IV tomo inclui, ainda, a tradução em verso do *Poema da segunda guerra púnica*, de Sílio Itálico, publicada em Haia, em 1795.

Do mesmo FILINTO ELÍSIO existem ali, também, as *Obras*, na sua edição de Lisboa, de 1836.

Outros autores portugueses presentes mereceriam relevo; omito-os, porém, por razões de espaço, uma vez que se trata de reimpressões já distantes do original; é o que se passa com Garrett, Cruz e Silva, João de Lemos, Castilho, entre outros.

Referir-me-ei, ainda, a outras presenças, umas por curiosidade; outras porque eram indispensáveis na biblioteca de um erudito do século passado:

Completa está a *História genealógica da Casa Real portugueza* e as *Provas da história genealógica da Casa Real portugueza*, de ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, publicadas a partir de 1735.

O dr. Agostinho Albano de Almeida licenciou-se em Medicina, em Coimbra; não surpreende, assim, que da sua biblioteca conste a *Macarronea latino-portugueza*, impressa em Lisboa, em 1843, na Tipografia Rollandiana.

Quanto a obras de cariz didáctico, permitir-me-ei destacar:

A célebre e tantas vezes reeditada gramática latina do P. MANUEL ÁLVARES: *Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres*, impressa em Évora, em 1755, entre várias outras gramáticas da língua latina.

Vários são os dicionários que podemos consultar: *Septem linguarum Calepinus* (Pádua, 1741); *Nouveau dictionnaire de Sobrino, français, espagnol et latin* (Anvers, 1789); *Dictionnaire universel français et latin* (1770); e, finalmente, como não podia deixar de ser, o *Dicionário da língua portugueza*, de ANTÓNIO MORAES SILVA, em várias edições (1813, 1823, 1889 e 1891).

Não quero terminar sem uma vaga referência às obras que saem fora do âmbito que me propus tratar. Não vou dedicar-lhes muitas linhas; tal como já referi acima, não me cabe pronunciar-me sobre

o seu valor; deixo aos respectivos estudiosos essa missão. De qualquer forma, citarei alguns casos, apressadamente:

— De História, podem observar-se as obras de Pinheiro Chagas, Damião de Castro ou Voltaire, entre outros.

— No âmbito da Filosofia, realce para D'Aguesseau, Formey, Rousseau, Condillac, Pascal e Montesquieu.

— Quanto à Física, cito apenas Musschenbrock e Scherffer, no que toca à Química, Baumé, Fourcroy, Thénard, Spielman e Freind, e no que diz respeito à Matemática, Bezout (Coimbra, século xviii).

— No âmbito da Religião, além de uma *Bíblia Sacra*, publicada em Veneza, em 1760, e de um *Missal*, impresso na mesma cidade, em 1656, permito-me somente notar uma obra, pelo seu cunho especial:

*De primatu Romani Pontificis, opus cuius scopus est demonstrare primatum Romani Episcopi, inter alios Episcopos nullum nisi honorificum esse, et illum primatum nec diuinum nec iurisdictionis esse.* A edição, anónima, feita em Londres, em 1770, é bilingue, francesa e inglesa.

— No que ao Direito concerne, podem encontrar-se os seguintes nomes: em edições do século xvii, Domingos Tusco, João Baptista Vulpindo, Próspero Farinacci, João Pedro Fontanella, Francisco Amostazzo, Luis Peguera, Dionísio Godofredo, Jorge de Cabedo e tantos outros. Do século xviii, Francisco Galo, Sebastião Guazzino, Luis de Molina, Diogo de Brito, entre muitos.

— Quanto à Medicina, a parte mais vasta da biblioteca, como disse, é com algum receio que me arrisco a fazer algumas referências. Não posso, contudo, omitir este tão extenso sector da colecção. Os «grandes» da medicina estão presentes, na sua maior parte em latim, prova insofismável da importância desta língua:

São muitos os volumes de Boerhaave, Huxham, Van Swieten, Van der Linden, Morgagni, J. F. Scardona, Albrecht von Haller, Baldinger, António de Haen, Eyerel, Maximiliano Stoll, Frank, Brera, Caldânio, Freind, Tissot, Plenck, Wenceslai Trnka de Kr'zowitz, para só citar aqueles cuja presença é mais numerosa.

Já em língua francesa, os que mais espaço ocupam são, do século xviii, Montaux, Portal e Tissot, e, do século xix, Richerand, Broussais e Bichat.

Deixo por aqui as referências; os estudiosos da história da medicina, se assim o quiserem, que as aproveitem.

Não posso acabar, contudo, sem destacar quatro pequenos livros, pela curiosidade de que se revestem e porque, decerto, não serão muito frequentes: todos eles versam o tema das águas medicinais e poderão conter valiosas informações:

— O primeiro, publicado em Lisboa, em 1726, da autoria de Francisco da Fonseca Henriques, tem por título: *Aquilégio medicinal, em que se dá notícia das águas de caldas, de fontes, rios, poços, lagoas e cisternas, do Reyno de Portugal, e dos Algarves, que ou pelas virtudes medicinaes, que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memória.*

— O segundo, impresso em Paris, em 1752, intitula-se *Observações das agoas das Caldas da Rainha*, sendo da autoria de «um curioso que há 20 anos que vive a benefício das ditas agoas».

— O terceiro, cujo autor é Francisco de Almeida Beja e Noronha, foi editado no ano de 1789 em Coimbra, e é assim intitulado: *Analyse das agoas hepithizadas marciaes do lugar de falla.*

— Por último, da autoria de Francisco Tavares e datado de Coimbra, de 1810, um outro cujo rosto diz o seguinte: *Instruções e cautelas práticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral e uso legítimo das águas mineraes, principalmente de Caldas; com a notícia daquellas que são conhecidas em cada huma das províncias do reyno de Portugal, e o método de preparar as águas artificiaes.*

Guardei propositadamente para o final um exemplar bibliográfico que não se integra propriamente em nenhum dos temas atrás referidos; o seu valor não reside na obra em si mesma, datada do século XVII, e existente, decerto, em muitas outras bibliotecas: *Definições e Estatutos dos Cavalleiros e Freires da Ordem de Nosso Senhor IESV CHRISTO, com a historia da origem & principio della*, Lisboa, Oficina de João da Costa, 1671. Como se vê, trata-se de um título facilmente encontrável noutros locais. O que faz deste um exemplar especial, o que lhe confere um valor característico é o facto de apresentar no verso da folha de rosto o *ex-libris* de Barbosa Machado. Ora, como se sabe, a biblioteca de Barbosa Machado, por ele cedida ao Marquês de Pombal para suprir a perda da biblioteca do rei, desaparecida no terramoto de 1755, acompanhou a família real na sua mudança para o Brasil e por terras brasileiras ficou definitivamente, encontrando-se hoje praticamente completa no Rio de Janeiro. Ignoro como terá ido parar às mãos do Dr. Agostinho Albano de Almeida este exemplar

que com certeza faltará na colecção existente no Rio. E é isso mesmo que lhe confere um valor especial que é justo aqui realçar (3).

Não era minha intenção dar a esta notícia o aspecto árido de um artigo bibliográfico; o tema, contudo, não me deixava muita margem a que procedesse de outra forma. Decerto muito fica por dizer, mas não irei além desta pequena amostra elucidativa.

A terminar, seja-me permitida uma palavra de alerta para o risco de muitas colecções deste tipo (quantas existirão desconhecidas de todos nós?) se perderem para sempre por falta da atenção de alguém. Esta é apenas um exemplo: aguarda agora os cuidados de um técnico competente.

É justo, enfim, deixar aqui uma palavra de agradecimento à Direcção da Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida: por me ter franqueado as suas portas e por preservar este tão rico legado, bem haja!

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

---

(3) Devo esta nota à observação do Professor Doutor A. Costa Ramalho, que amavelmente acedeu ao meu convite no sentido de visitar a biblioteca.